



Taxa Paga
Portugal
Contrato 536425



Autorizado a circular
em invólucro fechado
de plástico ou papel.
Pode abrir-se para
verificação postal.

DE0042018AN



Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

9 de Novembro de 2019 • Ano LXXVI • N.º 1974
Quinzenário • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Órfãos de pai vivo

DEPOIS daquela jovem mãe com dois filhos, que o pai deles abandonou, logo nos surgiram mais duas situações de abandono.

Uma das mães, com três filhos, já nos procurara no Verão e, nessa altura, ajudámos a resolver a sua maior aflicção — pagamento da factura da luz em atraso. Foi a avó das crianças que a incentivara a vir. Procurámos ir depois visitá-los, mas nem com o GPS conseguimos dar com a rua. Desta vez, esclarecemos onde viviam, para não nos perdermos. Ainda assim, foi preciso telefonar para os localizar. Uma das crianças tem problemas de saúde. As outras vão crescendo e, uma delas, já frequenta a escola. O ausente pai delas, comprometeu-se a pagar a renda da casa e tem cumprido. Apesar disso, as despesas são difíceis de cobrir, pelo que necessitam de ajuda.

O terceiro caso é também de abandono paterno. Irresponsabilidade em certo nível deixou marcas difíceis de apagar. Os dois filhos, um já na escola e o outro a sair do colo, são a preocupação desta mãe. Foram também facturas da luz que a trouxe até nós. A avó materna coabita com a filha e netos, e vai ajudando um pouco; assim vão levando a vida para a frente.

Três casos, três situações de abandono paterno. Três mães, sete filhos — quase só os Pobres os vão tendo e criando (se os deixarem) — laços de amor materno incapazes de congregar a família toda. Se assim com os Pobres, como com os que centram a vida noutros valores? É uma doença que se pega. Com esta facilidade para comportamentos de irresponsabilidade, nestes casos paterna, fica comprometido um futuro equilibrado para estas mães e seus filhos, todas elas muito jovens.

Já não serão tanto estes, tempos de órfãos de pais vivos, como acontecia há umas décadas atrás, mas antes de órfãos de pai vivo. As mães, de coração pobre, vão assumindo, com muitas dificuldades, a sua missão, pelo menos nestes casos e por aqui. Mas que são muitas as situações de abandono semelhantes, não há dúvida. O matrimónio está posto em causa há muito tempo, pela desconfiança em levar até ao fim compromissos duradouros ou em ser capaz de os cumprir; mas, as generalizadas uniões sem qualquer tipo de compromisso nada alcançam de consistente, mostrando que a ilusão de liberdade com que aparecem é fruto, não desta, mas de fuga à responsabilidade.

Famílias voláteis tornam a sociedade volátil. A orfandade, que parecia ser situação ultrapassada, coisa do passado, cresce, perdendo o ser humano em humanidade, por isso, todos perdem. □

SINAIS

Padre Telmo

DOIS livros: *O Calvário [Páginas Escolhidas e Documentário Fotográfico]*, de Padre Baptista e *Gestos de Misericórdia*, do Padre Acílio — são duas grandes marteladas, como diria o nosso Padre Américo.

«Não consigo ler sem que as lágrimas me caiam.» Como este, são tantos os testemunhos...

Gestos de Misericórdia também presente todas as quinzenas no Jornal O GAIATO, com rubrica *Património dos Pobres*. É sino que bate e grita bem alto as angústias de tantos irmãos nossos. Recebi notícias de melhoras do Padre Acílio... Graças. A presença do *Património dos Pobres* em cada quinzena, no nosso O GAIATO, não pode faltar.

As páginas de *O Calvário* são vivências dolorosas de tantos irmãos nossos em abandono total e acolhidos pelo Padre Baptista, durante 60 anos, na aldeia do Calvário. Alguns, vi eu, viviam em cortelhos.

Estando em Portugal, por dois anos, substituí o senhor Padre Baptista por motivo de doença. Então me apercebi da sua tarefa grandiosa na orientação do Calvário e sua presença activa em todas as necessidades dos Doentes.

Recordo a minha primeira manhã no pavilhão dos Doentes. Perguntei ao responsável qual a minha tarefa.

— Aqueles dois, que eram do senhor Padre.

Fui ver. Eram dois deficientes profundos!

— Não há como... —, murmurei, assustado.

Compreendi, então, os 60 anos do Padre Baptista. □



A família começa quando alguém toma a decisão de estar connosco indefinidamente

CALVÁRIO

Padre Rafael

«**T**ODO o regresso a Nazaré, é progresso social cristão», dizia Pai Américo. Em Nazaré encontramos os ecos do ambiente familiar. Deste modo, a que se oferece a oportunidade de voltar a sentir-se um filho/a querido/a, dá-se-lhe a possibilidade de recuperar o desejo de viver: sentir-se protegido, querido, cuidado, valorado... amado.

Aos doentes ou deficientes que entram no Calvário, teremos que fazer todo o possível para que seja uma experiência de regressar a Nazaré, voltar a sentir-se em casa... em família. Evidentemente, oferecendo-lhe as melhores condições de vida material, humana e espiritual — como fazem os Pais para seus filhos.

Por este motivo, não podemos deixar de insistir nesta dimensão vital da família e desde os gestos mais simples e quotidianos. E que, em muitos casos, são os próprios doentes que nos lembram.

A nossa Fatinha está cheia de saudades do Padre Fernando, todos os dias me pergunta quando regressará; o mesmo se passa quando falta o Padre Telmo — o mesmo se passará quando faltar eu... Ela recorda-nos que necessitamos de ter perto e presente a nossa família.

O nosso «Barito» está muito contente porque uma das nossas porcas pariu 4 bacorinhos... qualquer pessoa estaria lamentando-se e já estaria a pensar em sacrificar ou vender o animal. Ele nos recorda que criar é dar o melhor de nós mesmos e alegrarmo-nos com cada passo.

O nosso António, que regressou do hospital há um mês, está feliz porque a ferida que tinha na perna está a melhorar. Muitos se reclamariam todos os dias por estarem sentados numa cadeira de rodas. Ele recorda-nos que o mais importante é estar em casa para recuperarmos.

O nosso Paulo Sérgio vem da vacaria contente e diz-nos: «Hoje trabalhei muito». Seguramente alguns estariam dizendo que aquilo que fazemos é entretê-los, porque a palavra trabalho está unida a dinheiro... Ele ensina-nos que colaborar nas tarefas de Casa é um dos melhores modos de recompensar a nossa família.

E assim, cada um deles... Também eu, que sou o que menos faz de todos... apenas posso estar com eles, recordar-lhes que estou com eles... Porque a palavra família começa quando alguém toma a decisão de estar connosco indefinidamente. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

ESTAVA para sair quando, em Casa, sou abordado por uma pobre aflita que, além de manifestar o desejo de falar comigo, me exibia uma mão cheia de papéis...

— *Oh! minha senhora, agora não a posso atender...* — e saí a ruminar as aflições que ela me traria.

— *Não faz mal, eu espero* —, disse-me em tom resignado.

Os pobres são assim, submetem-se ao peso das suas carências.

Aquele «eu espero», fez-me doer a alma e entrou dentro de mim como espinho que não seria capaz de arrancar. Quando voltei, já os rapazes tinham almoçado e os meus olhos voltaram-se imediatamente para o sítio onde ela me aguardaria.

— *Já lhe deram almoço?*

— *Já comi uma sopa que estava uma delícia!*

Tirei-lhe os papéis da mão dizendo: — *Então espere mais um pouco enquanto eu como, também,*

alguma coisa. — Outra vez a agradável expressão: — *Sim, senhor, eu espero.*

Quis levar comigo os papéis para ir pensando, enquanto comia, como ajudar a pobre mulher e até onde. Enquanto engulo a mesma sopa, leio o relatório do médico do marido e vejo que ele não pode trabalhar e não teve dinheiro para fazer certos exames à sua saúde. ***Eu apenas recebo de RSI 320 euros e pago de renda de casa 300 por mês.*** Vejo ainda a intimação da advogada do senhorio a exigir-lhe 1500 euros mais 50% de juros da lei no valor de 750 euros e que, se não pagasse dentro de um mês, lhe entregasse a casa onde viviam.

É bom pensar um pouco como abrir uma solução destas. Telefonei à advogada pedindo-lhe que reduzisse a percentagem dos juros: — *Sou eu que vou pagar, senhora doutora, veja se em nome do seu cliente podemos ao menos vir para metade.*

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

Bruno Alexandre

FUTSAL — Resolvemos, devido às idades dos nossos Rapazes, organizar duas equipas de Futsal: uma de iniciados e outra de juvenis. Para dar continuidade à época transacta, temos a equipa de iniciados, formada pelo Manelinho, Alziro, Nuno, Quintino, Nico e Ratzinquer. A equipa de juvenis será formada pelo Fadul, Joel, Júnior, completada por Rapazes do escalão anterior. Assim, poderemos ter mais competitividade na participação das provas da AFAP. Já foi realizado o sorteio dos dois escalões, em que o mesmo dita que os iniciados, na primeira jornada, defrontem a equipa de Abragão no próximo dia 23, em hora a definir. Os juvenis, na primeira jornada, terão folga. Temos realizado desde o arranque da nova época vários treinos, para nos prepararmos convenientemente para os campeonatos, em que os nossos atletas têm dado o seu melhor. Continuamos a necessitar de apoio para os custos que o Grupo Desportivo terá de assumir, agradecendo, desde já, a colaboração dos nossos Amigos. Poderão também acompanhar todas as notícias do Grupo Desportivo Casa do Gaiato em facebook.com/pg/G.D.C.G.P.S.

PASSEIO — No próximo dia 11, dia de feriado Municipal de Penafiel, iremos fazer uma visita a Guimarães, para apurar conhecimentos a nível cultural, histórico e desportivo. O programa constará de uma visita ao Castelo, seguida de outra guiada aos Paços do Duque de Bragança. Depois do almoço pique-nique, iremos assistir nestes, a um teatro de marionetas, relacionado com os acontecimentos da fundação da nacionalidade portuguesa. Para o fim, fica aquilo que mais atrai os nossos Rapazes — conhecer um estádio onde nunca haviam estado — o do Vitória Sport Clube (Guimarães). Esperemos que seja um dia bem passado e que todos fiquemos com um melhor conhecimento da nossa história e da cidade de Guimarães, onde nasceu Portugal. Agradecemos a todos os que colaboraram connosco nesta visita.

JARDINS — O Paulo «Mudo» tem andado a alindar o nosso jardim em frente à casa 3, redistribuindo as plantas que estavam bastas e plantando outras novas. Com o novo projecto de arranjo do jardim, esperamos que este fique, na época própria, florido e agra-



dável a todos. A beleza da natureza é algo importante para o bem estar e o crescimento dos nossos Rapazes, para além de ser um atractivo para os nossos visitantes que, também eles, se deixam envolver por todas as belezas que a nossa Casa tem. Agradecemos aos Viveiros de Castromil por, como sempre, terem gestos de amizade para connosco.

MAGUSTO — O nosso magusto deste ano, é realizado nos moldes habituais, ao fim da tarde. Estando tudo preparado antecipadamente, reunimo-nos à volta da mesa pedra, se o estado do tempo nos deixar. Ao som das músicas preferidas dos Rapazes, e com a rainha da festa — as castanhas — acabadinhas de estalar, também com a presença da

boa sardinha assada e, para os mais gulosos, a febra assada, com pão e broa à disposição. Para não ir em seco, temos o acompanhamento do sumo para os mais novos e um pouco do nosso vinho para os mais velhos. Mas como não pode faltar, teremos o caldo verde, quentinho e bom, já com a noite entrada, para aquecer e satisfazer, pois o jantar está feito. □

MIRANDA DO CORVO

Rapazes de Miranda

MISSAS — A nossa Eucaristia Dominical e nos dias santos tem sido no nosso salão, pelas 10 horas da manhã, pois a nossa Capela precisa de obras de reparação (telhados, soalhos, paredes), que são muito caras. Nas nossas Missas, tem havido projecções dos textos das Leituras da Palavra de Deus e imagens próprias para cada celebração, ao cuidado do Evguénio, com materiais litúrgicos que recebemos.

CATEQUESE — Esta dimensão da nossa vida espiritual é importante para nós, pelo que se conseguiu dar início à catequese dos pequenos, em vários grupos, ao sábado de tarde, na sala de visitas da nossa escola, com a professora Fernanda, a quem agradecemos a sua persistência e amizade. Há rapazes que ainda não foram baptizados e não fizeram a Primeira Comunhão, mas querem ser membros da Igreja e receber Jesus na Eucaristia.

AGROPECUÁRIA — Próximos da serra da Lousã, no vale Dueça, chegaram os dias mais cinzentos, de Outono, com mais frio e muitas folhas de árvores caducas pelo chão, como carvalhos e tílias aqui na nossa Casa, que têm de se andar a varrer todos os dias. Como a safra é grande, embora parte das azeitonas das oliveiras ainda não estejam maduras, para não caírem, começou-se a apanha da azeitona na parte de cima da nossa Casa: olival novo, na *terra do gaiato*, parque e *campinho (terra dos grilos)*. Teve de se mecanizar parcialmente a colheita, comprando um varejador de azeitonas, cuja factura é custosa. Depois de se apanharem as azeitonas nos panos para os caldeiros, têm sido levados e colocados numa oficina, onde se vão *erguendo* as azeitonas num limpador e finalmente ensacadas. Já se foi levar uma carrada de sacos de azeitonas para moer a um lagar, em Oliveira do Hospital, e daí extrair o precioso azeite!

MÚSICA — Recomeçaram as aulas de Música — Educação Musical, em dois grupos, ao sábado, pelas 10 horas, leccionadas pela professora Maria João, da Lousã, de cujo trabalho gostamos muito, pois tem boa formação e jeito para nos ensinar, o que agradecemos.

DESPORTO — Em 12 de Outubro, no Pavilhão Municipal, a nossa Casa fez-se representar na 1.ª Gala do Desporto de Miranda do Corvo, em que foram homenageados atletas e clubes deste concelho. Durante esta cerimónia, é de salientar que foram distinguidos — na modalidade de atletismo — alguns rapazes da nossa Casa e que são alunos do Agrupamento de Escolas de Miranda do Corvo: Nelvin Nhaga, Amizade Indi, Celestino Indi e Rivaldo Jandim. Os nossos parabéns!

Nesta sequência, deste Agrupamento, o professor Pedro Amorim passou a leccionar uma aula semanal de atletismo nas nossas instalações, à quarta-feira de tarde.

Ainda é de referir que recomeçaram os treinos de futebol, ao sábado, pelas 15 horas, com a colaboração de João Fernandes e José Fagundo (pequenos).

OBRAS — Como ainda não chegaram as portas dos chuveiros do quarto de banho do rés-do-chão, os miúdos da *casa-mãe* não puderam vir ocupar temporariamente os 3 quartos de baixo, para se arranjamem os quartos deles. No 1.º andar e no rés-do-chão, as 4 janelas foram adaptadas como basculantes. Nos quartos das *senhoras*, foram colocadas 4 janelas novas, a condizer com as outras da nossa Casa.

Foi concluída a limpeza dos telhados da *casa nova*, do *lar* (edifício), da nossa *escola* (centro de estudo) e do pombal (antigo), e substituídas várias telhas. Enquanto não forem deslocados os andaimes da empresa construtora, os trolhas têm

BEIRE — Depois da vindima, o mosto¹...

Um admirador

1. Ainda na cozinha lá de baixo. Já vos falei disto aqui (nº 1973), lá em baixo, na *cozinha dos rapazes*. Todos pudemos ver com estes olhos que a terra há de comer. Pois. Mas, como *O Príncipezinho*, todos, alguma vez, experimentamos já que *o melhor é sempre invisível aos olhos*. Porque *o coração vê mais longe...* Só ele sabe fazer *mais vida* destas curiosas alianças entre esta nossa *imanência* (às vezes bem arrelhiadora, porque nos prende à terra) e esta também nossa sufocante fome de *transcendência* (que não nos larga nunca e, de vez em quando, ataca forte e feio, a roubar o sono à gente).

— *Aquilo foi mesmo bom!* — Ouvira-se da boca de muitos. Tão bom que o Sr. António, nosso carpinteiro nas *emergências*, até sugeriu que, *de vez em quando podia fazer-se assim uma coisa destas para os rapazes*. O Sr. Agostinho, que o Fundo de Desemprego nos empresta, com proveito para ambos os lados, entra na dança e também dá o seu *empurrãozito*.

aproveitado para substituir telhas e limpar outros telhados: torre e casa anexa, capela e sacristia. Como a torre é alta e o telhado estava em mau estado, tiveram que se montar muitos andaimes. Fizeram-se umas janelas (simples) em rede para a torre, como protecção (provisória) das pombas. O balneário antigo, por baixo do refeitório, vai ser reparado, com nova canalização e arranjo dos azulejos. Agradecemos muito as ajudas que nos têm dado para as obras e outras despesas, pois as facturas são pesadas.

O *mealheiro* é o seguinte: NIB — 0035 0468 00005577330 18, da Obra da Rua ou Obra do Padre Américo, Casa do Gaiato — 3320-034 Miranda do Corvo; telef. 239 532 125; e-mail: gaiato.miranda@gmail.com □



Éramos todos uma família.
Remadores, a puxar certinhos para o mesmo porto...

Ambos sugerem que *indo buscar uns frangos assados e uma saca de pão ou uma broa de milho, não é preciso muito mais. E são coisas que até nós podemos trazer, para a Casa não estar a gastar...*

Porque este meu coração sempre gosta de andar por onde andam os meus tesouros (Mt 6, 19-23), volta e meia lá ando eu a pensar em *como levar para a frente estas intuições*² de que *‘isso poderia ser bom para os rapazes’*. E para os doentes, claro. Por isso gostei tanto de ver o Sr. Neca, habitualmente perdido lá nos mundos do *sr Alzheimer*, ali no meio de nós, feliz, agarrado à sua bifana. Estava ali todo. A *com+vi-ver!*

Sei que nem a filosofia, nem a teologia, nem a psicologia pertencem às ciências exactas. Mas também sei de fonte limpa que, quando bem orientadas, essas três ciências podem *com+vergir* para operar no mundo o *Sonho Louco* d’Aquele Nazareno que falava de “um reino que não é deste mundo”... E rezava pelos seus amigos, não para que o *Pai do Céu* os tirasse de cá mas “os livrasse do mal” (Jo 17. 15).

Porque é *contagioso*, esse *sonho*, daquele *louco da Galileia*, ainda

hoje, continua a inquietar tanta gente. Também para empurrar este Calvário para diante. Como peça importante d’O Reino dos Céus para aqueles que jazem nas valetas, sufocados por *infernos* que outros despejam sobre eles...

2. Teologias, filosofias, psicologia e... Não fixei aquilo com o rigor da *Academia*. Mas fixei o bastante para lhes dar o crédito necessário a fazer deles uma regra de vida para mim. Falo dos *Três Mandamentos de Valor Universal*³, propostos por (?!)... num livrinho, *Stress*, da Itau, de Júlio Roberto. Encanta-me logo o primeiro: — *Conheça as suas necessidades e o nível delas*. Isso me faz lembrar um princípio base da Psicologia de que Pai Américo muitas vezes falava (*avant la lettre...*) e já praticava com os seus gaiatos. É o direito a procurar resposta para a nossa *necessidade de emoções fortes*. Coisas de que, quando estamos de fora, dizemos que *aquilo é para chamar a atenção...* Ou que é *por gulodice; para armar em grande; etc., etc.* Pois é. Criticar é fácil. E



De D. António Barroso

Tenaz. Rebelde. Uma só causa.
Não torceu nem quebrou. Só ele!
Padre Américo

QUANDO se procuram informações e documentos para ver ou tecer alguns fios seguros sobre pessoas e acontecimentos históricos, por vezes encontram-se algumas pontas que permitem olhar com muita estima para um belo *pano de linho*, de flores azuis! Acenamos adiante algumas ligações a Américo Monteiro de Aguiar, que demonstram tal asserção. Sobre a vida heroica do *Venerável* D. António Barroso [5-XI-1854; 31-VIII-1918], também vamos tirando grande proveito do conhecimento do seu itinerário biográfico; e, no nosso tempo

marcante de Seminário do Porto, a este *santo* Bispo dedicámos breves notas na revista *Atrium* [1995], quando o seu Processo entrava em Roma. É inquestionável que se trata de uma figura eclesial de relevo e emblemática na Igreja Católica em Portugal, como Missionário em África e Bispo do Porto [1899-1918]. Não sendo nosso propósito, nestas linhas, fazer sequer um esboço biográfico, é justíssimo assinalar a inauguração e bênção pelo Bispo do Porto, D. Manuel Linda, de uma estátua deste grande Bispo, tendo uma cruz e uma enxada nas mãos, e de um elenco gravado de 320 missionários — como António José de Sousa Barroso, formados no

Colégio das Missões Ultramarinas e que foram para as Missões do Padroado Português — no jardim de entrada do Seminário das Missões de Cernache do Bonjardim, concelho da Sertã, no dia 20 de Outubro, Domingo, na qual participámos com um rapazito, Marcelino. Depois da *Consagração ao Sagrado Coração de Jesus*, em Fátima, pelos Bispos portugueses, no Dia Mundial das Missões, seguiu-se uma significativa homenagem à *missão portuguesa*, com a presença da maioria do Episcopado português, missionários da Boa Nova, Postulador desta Causa [e também de Padre Américo] — Padre João Pedro Bizarro, várias autoridades e muitos amigos e devotos. Com alguns raios de sol, os vários momentos dessa tarde foram apresentados pelo Vice-Postulador da Causa de Beatificação, Amadeu Araújo, e foi escutada uma saudação de acolhimento pelo Superior Geral da Sociedade Missionária da Boa Nova, Padre Adelino Ascenso. Eis que numa intervenção sobre a missão portuguesa entre 1856 e 1912, nomeadamente o papel importante de D. António Barroso, foi referido por Guilherme de Oliveira Martins um excerto de uma página de antologia do Padre Américo sobre D. António Barroso, a que se seguiu forte ovação!

Noutra altura, foi uma agradável surpresa quando demos a conhecer esta informação a José Ferreira Gomes [† 21-XI-2013], grande dinamizador do movimento pró-Beatificação de D. António Barroso, e que a citou na sua *Súmula Biográfica*. Nesta ocasião, justificava-se transcrever este testemunho significativo, intitulado *Um acontecimento*

Continua na página 4

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

A custo, a advogada atendeu-me acrescentando que já não era a primeira vez que as coisas aconteciam desta forma. Voltei para junto da pobre e disse-lhe que não era justo e que quando se está doente o coração fica de tal maneira ferido que ninguém olha a preços de remédios, pois o que a gente quer é aliviar, consolando os que sofrem, sem olhar às despesas, nem compromissos. A farmácia come tudo! Entendi e não ralhei mais. — *Vou fazer a transferência, mas olhe que é a última vez.* — Será? Eu não sei. Foram 1875 euros.

Ao olhar o telemóvel aparece-me como notícia do dia que o Estado vai despende 71 milhões de euros para apetrechar os escritórios dos novos membros do Governo e choco-me a olhar!... Sim, a olhar escandalizado...

Lembrei-me de ser recebido, há anos, por um ministro dum país pobre da África e o senhor não se calava a pedir desculpas de me receber daquela forma. Sim, o seu gabinete caído de branco, paredes e tecto e um mobiliário: apenas 5 cadeiras, uma de cada estilo, e uma secretaria que era igual à das nossas mesas das escolas secundárias.

Fiquei edificado com a simplicidade do senhor ministro: — **Olhe é o que temos.**

No nosso País, não. Reina uma diferença endémica à situação dos mais pobres. Um Governo deveria assumir as situações de pobreza extrema no viver de tanta gente!... Depois de tanta promessa, começa logo por um escândalo desta natureza.

Os novos membros do Governo não se deviam sentir bem em ambientes de luxo tão requintado, mais, ainda, o ambiente em que vivem e trabalham cega-os e não lhes permite acreditar nos que vivem a extrema pobreza.

71 milhões de euros davam para distribuir pelos Centros da Segurança Social e, em cada um, haver dinheiro disponível para casos como estes. □

as vezes em que todos nós, sem termos consciência disso, procuramos o nosso *protagonismozinho*, em busca de que olhem para nós e nos reconheçam como *peessoas importantes*?!... Ai, o nosso tanto *saber!* Quem é que nunca foi apanhado num repetitivo *já sei, já sei; sei isso muito bem; oh, então eu não sei isso*?!... Trata-se de uma necessidade tão forte em nós que, se não encontramos uma resposta pela positiva, logo criamos umas escadelas pela negativa. Em *bitaites* de crítica destrutiva, murmurações, maledicências.

Leio o Papa Francisco. A falar destes mexericos. Com toda a verdade e simplicidade: — ... *Todos caímos nisso. Até eu!*...

3. Gente que precisa de GEN-TE-QUE... Ali na cozinha, tal como na vindima, ninguém era nem parecia mais que ninguém. Éramos todos *uma família*. Remadores, a puxar certinhos para o mesmo porto... Ora, são estas *experiências* que todos eles *precisam*. São resposta às suas necessidades de reconhecimento, acei-

tação, importância. Coisas tantas vezes criticadas, porque olhadas como *coisas de criança*... Ora, o nosso bem-estar está intimamente ligado ao nosso *Estar-de-Bem* connosco próprios, com os outros, com a vida, com o mundo e com Deus — seja qual seja a ideia que d'Ele se faça. Todos precisamos de experimentar (neste corpo, nesta alma e também nesta divindade a que aspiramos) alguma dose de *autonomia* e aquela gostosa sensação de *minimamente realizados*.

1 — Do latim “mustum”, “novo”, “jovem”... Aqui é a *novidade* que aparece neles quando se sentem *gente entre gente*, aceites e respeitados.

2 — Gravei fundo esta de J. Powell: “Não duvides em seguir as tuas intuições. Mas, antes, submete-as ao cadinho da **com**+front(e)+ação com o **real** — único guia e mestre de todo pensamento válido”.

3 — Faltam: a) *Pratique, ao menos, o egoísmo altruísta*. Isto é: *Aprenda a lidar com os outros, se não por amor deles, ao menos por amor de si próprio*...; b) Traduza o “amai-vos uns aos outros” por: *Aprendamos a amarmo-nos uns aos outros*. Porque *ninguém ama por decreto*... □



Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799
jornal.o.gaiato@obradarua.pt • geral@obradarua.pt  facebook.com/Casa.do.Gaiato
www.obradarua.pt <https://www.obradarua.pt/estatuto-editorial/>
NIB: 0045 1342 40035524303 98
IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL
Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo
N.I.P.C. 500 788 898 • **N.º de Registo** 100398 • **Tiragem:** 18700
Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)
Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa
Redacção e Administração: Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

Tristeza

FOI para todos, aqui em casa, uma consternação, a morte das nossas ovelhinhas. Elas viviam num parque largo, destinada à criação de patos de cuja existência nos deixámos vencer, em virtude de serem atacados pelas gaivotas que os matavam e comiam sem darmos por isso.

Era curioso e inexplicável o facto de vermos nos telhados bandos enormes de gaivotas, no tempo em que o mar estava mais revolto.

Pensávamos que as aves marinhas vinham comer o alimento dado aos patos... quando viemos a averiguar, verificámos que elas vinham é comer os patos. Com o bico adunco e serrado matavam-nos e iam-nos comendo.

Contávamos ter uma centena destas aves e, afinal, já só estavam 27. Ainda pensei em desviar a rapinagem com fios de *nylon* transparentes e fortes para que elas batessem, no seu voo de aterragem, nos referidos fios, se ferissem e nos abandonassem. Entretanto uma pessoa amiga sentindo-se incapaz de tratar as suas ovelhas deu-nos 4 ou 5 e pusemo-las no parque dos patos.

Elas criaram e multiplicaram-se e o nosso rebanho era mais uma atracção para todos. Numa manhã de primavera soltaram-se, quando os rebentos das videiras começavam a brotar, e comeram-nos bem como os minúsculos cachos ainda em flor, mas ninguém se aborreceu! Toda a gente falava das ovelhas no diminutivo, eram as ovelhinhas.

Numa noite destas, dois cães de um vizinho entraram no parque, mataram-nas todas! Nem carneiros, nem ovelhas, nem borregos, nenhuma escapou. Os cães fizeram tal estrago que nada se aproveitou; os rapazes mais pequenos pareciam estar de luto, tal a tristeza que os invadia.

Explicações

TEMOS dois rapazes com provas dadas de que são capazes de fazer um curso superior. Após boas notas na Escola Profissional de Setúbal concorreram ao Politécnico na esperança de fazer o ano zero. Tal foi abolido e eles ficaram de fora. As razões não as sabemos só as advínhamos, pois não somos parvos.

Para entrarem no ensino superior terão de fazer exame a matemática e a Físico-Química.

Então? Como? Só com explicações que os habilitem aos exames poderão depois propor-se. Arranjamos-lhes uma explicadora que lhes dá 6 horas por semana. O resto virá do seu brio e empenhamento.

Não é a primeira vez que nos abalançamos a estas despesas, pois já as temos experimentado e com bastante lucro. Foi o que aconteceu com o Danilo. No décimo segundo ano ficou duas vezes mal a geometria descritiva, recebeu explicações durante um ano e, no exame, ganhou um 19 que lhe tem valido uma bolsa de estudos. Fez um curso superior sem custar quase nada à Casa do Gaiato.

Valeu bem o capital gasto nas explicações. □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

AS CONFERÊNCIAS VICENTINAS E O TRABALHO EM REDE — O foco principal de cada Conferência Vicentina terá que ser sempre ajudar o seu próximo mais próximo e mais carente dessa ajuda, ou seja, o da sua paróquia.

Dito isto, as Conferências Vicentinas não devem ficar focadas exclusivamente nas suas paróquias. Precisam de ir para além disso.

Uma razão para não se ficarem por aí pode ser porque precisam de angariar recursos para o seu trabalho. A nossa Conferência é bem um exemplo desta situação e, por isso, estamos permanentemente aos nossos leitores que vão confiando no nosso trabalho e continuam a ajudar-nos.

As Conferências Vicentinas também devem fazer o que estiver ao seu alcance para colaborar com causas que vão para além das pessoas que ajudam nas suas paróquias. Tudo o que tem sido feito e o muito que ainda precisa e, certamente, vai ser feito para a construção dessa obra exemplar que é a Casa Ozanam, em S. João de Ver, é uma das provas concretas de que as Conferências Vicentinas da Diocese do Porto e as doutras partes do país e do mundo têm horizontes que vão para além das suas paróquias.

Ter esta visão alargada do trabalho vicentino é um caminho muito difícil. As dificuldades com que cada Conferência se confronta para mobilizar pessoas e recursos para levar por diante o seu trabalho são grandes para quase todas elas. Por isso, a tendência natural é cada uma fechar-se sobre si própria, sem, em conjunto, as Conferências procurarem formas de se poderem entre-ajudar. Não que isto não esteja a ser feito, mas há aqui ainda muito chão pela frente a percorrer. Muitas vezes podem ser entre-ajudas que parecem pequenas, mas, devagar se vai ao longe.

Com 302 Conferências espalhadas por toda a Diocese do Porto, envolvendo 3363 Vicentinos, os Vicentinos são, de certeza absoluta, juntamente com as IPSS ligadas à Igreja, a maior expressão organizada da acção social da Igreja nesta diocese.

As Conferências Vicentinas são aqui, pelo menos, a rede de acção social da Igreja mais distribuída pelo território e que chega mais directamente às pessoas que precisam de ajuda. Têm, por isso, um potencial que pode e deve ser muito mais aproveitado para se entre-ajudarem melhor e para mobilizarem mais pessoas e mais recursos para o trabalho que fazem fundado na visita domiciliária que deve ser a sua marca distintiva. □

BENGUELA

Padre Manuel António

VIVEMOS momentos maravilhosos nos últimos dias. No dia 25 de Outubro, foi a festa linda da celebração do Sacramento do Matrimónio dos nossos queridos João Tchicambi e da Tina Tchicambi. A nossa capela foi o centro acolhedor magnífico deste acontecimento. O João Tchicambi tinha cerca de 6 anos, quando o recebi na nossa Casa do Gaiato de Benguela. Foi a sua casa de família nova que o acolheu. Deste modo, o abandono a que estão sujeitos tantos filhos não entrou na sua vida. Cresceu, como um filho normal e muito querido, na Casa do Gaiato de Benguela. Participou nas actividades normais dos filhos. Cumpriu-se nele o tesouro que Pai Américo deixou às Casas do Gaiato: “Fazer de cada rapaz um homem”. Assim aconteceu com este filho. O desejo de constituir uma família própria, como é normal com os filhos, na idade comum, foi realizado. O seu coração de jovem encontrou uma menina, com idade semelhante. Conheceram-se o melhor possível e decidiram unir as suas vidas. O primeiro passo que deram, neste estado de vida, por sua exclusiva responsabilidade, foi o casamento civil. Passado pouco tempo, porém, deram conta de que a situação em que estavam a viver era anormal para os cristãos, filhos de Deus. Pelo Baptismo nasceram filhos de Deus. Como podem viver fora da família de Deus, ao constituírem uma família pelo casamento? Esta situação inquietava-os.

Na sua vida social comum, com relações de convívio regular, encontraram companheiros e companheiras que lhes falaram da situação anormal da sua vida familiar. São cristãos. Devem procurar viver como família cristã. É uma exigência que tem a sua lógica, embora haja muitas situações anormais de cristãos, na vida familiar. Os corações do

Tchicambi e da Tina decidiram mudar a situação em que viviam. Buscaram o Sacramento do Matrimónio que é a fonte, onde nasce a Família Cristã. Este acontecimento maravilhoso foi celebrado na Capela da nossa querida Casa do Gaiato, no dia 25 de Outubro p.p. Foi, sem dúvida, um motivo de alegria muito grande. O nosso querido Padre Quim presidiu, com o nosso acompanhamento. A Capela estava cheia de corações felizes pelo nascimento da família cristã do Tchicambi e da Tina. Vamos, pois, continuar com este testemunho a alimentar os bons propósitos que devem animar os corações destes filhos mais velhos. Os maus exemplos da vida social comum não os conduzam por caminhos contrários à sua formação cristã. A Família da nossa querida Casa do Gaiato de Benguela partilha, com todas as famílias, a alegria do Matrimónio do João Tchicambi, com 38 anos de idade e da Tina Tchicambi, com 36 anos de idade. A família cristã, pela união decisiva do homem com a mulher, nasce no Sacramento do Matrimónio.

Outro acontecimento trouxe-nos grande alegria nos últimos dias. Uma grande aflição consumia a nossa vida. A agricultura

necessitava, com urgência, dum tractor para ser cuidada, com proveito, para a vida da nossa Casa do Gaiato. Não tínhamos meios financeiros para resolver o problema grave. Lembrei-me, há cerca de algumas semanas, de ir bater à porta do coração do Senhor Governador de Benguela. Fui acolhido com todo o amor dedicado à nossa Casa do Gaiato de Benguela. A oferta consoladora do tractor e respectivas alfaías agrícolas foi cumprida, há poucos dias. Os mensageiros qualificados do Senhor Governador foram os portadores do tractor e respectiva documentação. Esta grande alegria foi qualificada com a promessa do pagamento de todas as despesas que o tractor exigisse, ao longo de dois anos. Foi, na verdade, um momento festivo, participado e animado com cânticos, por um grupo de rapazes que manifestavam, deste modo, a alegria da nossa querida Casa do Gaiato de Benguela. Vamos dar início aos trabalhos que são necessários, a nível da agricultura. Esta fase muito difícil que estamos a viver, a nível financeiro, encontra um alívio estimulante nestas ajudas. O coração de todos os nossos benfeitores seja animado para ajudar a nossa Casa do Gaiato de Benguela. Vamos, pois, continuar com muita esperança. □

Página da OBRA DA RUA na internet

Visite o nosso site e encontrará diversa informação:

- Contactos
- Assinatura e leitura do Jornal O GAIATO e do Boletim AMA nos seus dois formatos:
 - Edição digital
 - Edição impressa, digitalizada em PDF
- Livros da nossa Editorial e outras
- Biografia de Padre Américo
- Pedagogia da Obra da Rua
- Padres da Rua
- Memorial / Museu Padre Américo
- Documentação diversa. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 3

[vd. *O Gaiato*, 20-XI-1954]. Então, eis: *Acaba de se realizar na cidade de Barcelos uma festa de homenagem ao Bispo D. António Barroso, por ser ali o seu berço [Remelhe] e fazer um século que ele nasceu. Gosta-se de ouvir notícias deste género. Elas são uma afirmação dos valores espirituais. Ainda que não fossem outras, só por esta razão vale a pena trabalhar com amor pelo Bem dos homens: labor vester non est inanis [in Domino] [o vosso trabalho não é inútil no Senhor] (1 Cor 15, 58). Daí estas reuniões solenes, aonde se desenterram homens e se prega ao mundo a Imortalidade. Gosta-se destas notícias.*

O senhor D. António, Missionário do Congo, foi o homem do seu tempo. Encheu a história. Coisas pequeninas tornaram-no um gigante; de uma vez, também em Barcelos, a Câmara de então quis prestar-lhe as honras de haver sido

transferido da Índia e feito Bispo do Porto, tendo-o detido numa sessão magna, antes de ir a Remelhe, ver a Mãe [Eufrásia Rosa]. Começam os oradores. Nisto o festejado olha. Pareceu-lhe ver ao fundo alguém conhecido... Torna a olhar. Não há dúvida. Era ela! Levantou-se. Abre caminho. Há o encontro. Toma-a consigo. Regressa ao estrado. Fá-la sentar na sua própria cadeira. Acabou a sessão. Estava tudo dito!

Não sei que algum bispo da história de Moçambique tenha ido ao Zumbo antes dele. Era uma jornada de quinze dias por carreiros de preto. Ele foi. Ao passar por Tete, já de noite, bate à porta do Anacleto Martins, velho colono, que passou dos oitenta; a família estava à mesa quando o moleque anuncia dois padiri. Anacleto manda recado: entrem que ainda há duas argolas. O Prelado tomou uma das argolas e jantou familiarmente.

Fumava charuto. Uma vez que vim a Portugal, fui a Remelhe levar ao Desterrado a prenda amiga de um missionário: um cachimbo queimado. Fumava. Parecia do mundo e não; era um homem de Deus!

Só ele mereceu ocupar e preo- cupar os homens do Terreiro do Paço, naquele tempo. Duro. Tenaz. Rebelde. Uma só cara. Não torceu nem quebrou. Só ele!

Porém, a grande loucura está no amor aos pobres. Desmandos. Imprudências. Coisas mal feitas — tudo. Um cordão que a Mãe lhe dera, gastava-se aos bocadinhos, quando não havia dinheiro. Os seus familiares sabiam muito, sim, mas não tudo. Os grandes escondem-se.

E é justamente agora que temos o verdadeiro acontecimento. Por tudo, mas muito principalmente por causa desta santa devoção, é que a diocese do Porto, Bispo à frente, resolveu consagrar à sua memória o número das 28 casas de Miragaia para que de futuro

MALANJE

Padre Fernando Fontoura

Dia do Nascimento de Pai Américo

“Celebremos com imenso amor, pois é festa do nosso fundador, Pai Américo que ao mundo proclamou o Evangelho de Deus, Nosso Senhor”

COM esta estrofe do cântico de entrada da Eucaristia de Acção de Graças pelo nascimento do nosso Pai Américo, a 23 de Outubro de 1887, nos congregamos no “coração” da Casa do Gaiato de Malanje, a nossa magnífica Capela.

No entanto, este dia, iniciou-se com a recitação dos Mistérios do Terço, à hora do levantar, em que os rapazes de cada casa se reuniram em redor dos seus chefes para, através da oração mariana, pedir ao seu Filho Jesus, a graça da beatificação do Pai Américo e augurar para todos, as bênçãos de Deus.

Tal como os outros dias, os trabalhos seguiram-se, bem como a preparação para a escola.

No final da tarde tivemos o momento celebrativo, em que associaram a nós, os 4 seminaristas.

A Capela tão linda e bem ornamentada nos acolheu.

Os cânticos da missa igualmente bem orientados, nos ajudaram a interiorizar este momento tão significativo. A admonição inicial, centrou a nossa atenção.

As próprias leituras nos ajudaram a viver melhor o motivo desta missa, pois até o salmo responsorial dizia: “...o nome do Senhor”, recordando-nos como o Pai Américo consagrou a Obra da Rua ao Santíssimo Nome de Jesus.

A oração dos fiéis foi realizada por vários “Batatinhas” intercedendo, não só pela Igreja, como pelo Papa, também pela declaração de beato do Padre Américo e pela recuperação da saúde do Padre Rafael. Igualmente se pediu ao Senhor pela Irmã Marlene, qual mãe dedicada a esta Casa, que neste dia também comemora o seu aniversário natalício... só poderia ser, pelo empenhamento e solicitude materna com que se tem entregue à Casa do Gaiato de Malanje.

Até o ofertório foi preparado, em que o seminarista Adão, o Chefe Maioral Iuri e a irmã Marlene levaram oferendas significativas relacionadas com o dia.

Igualmente festivo e alegre, como habitualmente nas celebrações africanas, foi o momento de acção de graças com alguns rapazes a interpretarem danças tradicionais de louvor ao Senhor.

Depois da bênção final, cantaram-se os parabéns à aniversariante, tendo presente a razão da celebração.

Da mesa eucarística, passamos à mesa comensal, ainda que sem nada de especial, se marcou esta refeição com uma “gasosa” e um “bolinho”...

Para terminar o dia apresentou-se uma breve reportagem realizada em Miranda do Corvo, ouvindo o Pe Manuel Mendes falar-nos da origem da Casa, e sucitamente do início da Obra e do Padre Américo, referindo o “caminhar” da causa da Sua Beatificação.

Depois de umas palavras finais, deu-se por encerrado este dia, com todos a regressar às suas casas.

Assim foi o dia 23 de Outubro de 2019, aqui em Malanje. □

PENSAMENTO

Pai Américo

Os obreiros do Evangelho, sempre procuraram e amaram outros valores, pelo que são muitas vezes cognominados de loucos.

O Gaiato, n. 1, 5-3-1944, p 1.

se chamem e sejam efectivamente Bairro D. António Barroso. Honra à diocese. Foi nela que recebeu os golpes do seu fecundo martírio.

A comemoração de Barcelos foi agradável. A do Porto, útil. Juntamos as duas e temos feito uma grande memória a um grande português.

Sobre Américo de Aguiar e D. António Barroso, bem como a possibilidade de ser admitido no Colégio de Cernache do Bonjardim, na sua adolescência, deixamos algumas informações complementares. Assim, Américo Monteiro de Aguiar esteve em Moçambique de 24 de Dezembro de 1906 a 26 de Janeiro de 1923; e, entre várias viagens de merecidas férias a Portugal, de visita à família, um encontro [citado] em Remelhe poderá ter

acontecido entre Maio e Novembro de 1912, o que coincide com um desterro de D. António Barroso, entre 9 de Março de 1911 e 3 de Abril de 1914. Chamado a Lisboa por Afonso Costa, do Governo Provisório, D. António Barroso foi destituído das suas funções de governador da diocese do Porto, pois não impediu a leitura, nas Paróquias, da *Pastoral Colectiva do Episcopado Português ao Clero e fiéis de Portugal*. Neste período, o Cônego Dr. Manuel Luís Coelho da Silva foi Governador do Bispado do Porto durante 10 meses; porém, por decreto governamental, de 28 de Dezembro de 1911, o Deão Coelho da Silva foi proibido de residir no distrito do Porto, durante dois anos.

Continua